

DESAFIANDO PARADIGMAS: NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE¹

Nayara Gonçalves de Sousa

Graduada em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Foi Bolsista CAPES no Programa de Residência Pedagógica, no período de 2018 a 2020. Mestranda em História do Brasil, no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB-UFPI.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6205-9222>

<http://lattes.cnpq.br/2223842389660856>

E-mail: nayaragonc2016@gmail.com

Eriene de Sousa Martins

Graduada em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Foi Bolsista CAPES no Programa de Residência Pedagógica, no período de 2018 a 2020.

Lattes: 5164346705566048

E-mail: eris-m2@hotmail.com

Raimundo Nonato Lima dos Santos

Doutor em História pela UFPE. Professor do curso de História da UFPI. Docente Orientador do Programa Institucional de Residência Pedagógica, da área de História, da UFPI/CSHNB, no período de 2018 a 2020 e, de 2020 a 2022.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3897-1235>

<http://lattes.cnpq.br/2601930825128474>

E-mail: raimundolima2011@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente artigo aborda questões voltadas ao ensino de História na contemporaneidade. O foco nesta temática fundamentou-se na perspectiva de compreender os desafios enfrentados pelos professores de História no exercício da profissão, assim como as ferramentas por esses utilizadas na busca pela superação desses obstáculos. A pesquisa foi construída com base em depoimentos orais. As discussões presentes no trabalho partiram das experiências empíricas no Estágio

¹ Artigo produzido como uma das atividades do Programa Institucional Residência Pedagógica, da área de História, sob orientação do Docente Orientador Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, no período 2019.1, na Universidade Federal do Piauí, Campus de Picos.

Supervisionado e, no Programa Residência Pedagógica, em diálogo teórico com Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004), Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2005/2006), Selva Guimarães Fonseca (2012), Linda Hammond Darling (2014), Isaíde Bandeira da Silva (2014), Marcos Napolitano (2002) e José Petrúcio de Farias Júnior (2015). Os resultados evidenciaram a importância de os residentes pedagógicos/licenciandos compreenderem os desafios que permeiam o universo docente e as estratégias que podem ser utilizadas a fim de tornar o ensino de História mais dinâmico.

Palavras-chave: Ensino de História. Desafios. Contemporaneidade

CHALLENGING PARADIGMS: NEW PERSPECTIVES FOR HISTORY TEACHING IN CONTEMPORARY

ABSTRACT

This article addresses issues related to contemporary history teaching. The focus on this theme was based on the perspective of understanding the challenges faced by History teachers in the exercise of their profession, as well as the tools used by them in the quest to overcome these obstacles. The research was built based on oral testimonies. The discussions present in the work started from the empirical experiences in the Supervised Internship and, in the Pedagogical Residency Program, in theoretical dialogue with Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004), Selma Garrido Pimenta and Maria Socorro Lucena Lima (2005/2006), Selva Guimarães Fonseca (2012), Linda Hammond Darling (2014), Isaíde Bandeira da Silva (2014), Marcos Napolitano (2002) and José Petrúcio de Farias Júnior (2015). The results showed the importance of pedagogical residents/licensing students to understand the challenges that permeate the teaching universe and the strategies that can be used in order to make the teaching of History more dynamic.

Keywords: History Teaching. Challenges. Contemporaneity.

DESAFÍO DE PARADIGMAS: NUEVAS PERSPECTIVAS PARA LA ENSEÑANZA DE HISTORIA EN CONTEMPORÁNEO

RESUMEN

Este artículo aborda temas relacionados con la enseñanza de la historia contemporánea. El enfoque de este tema se basó en la perspectiva de comprender los desafíos que enfrentan los docentes de Historia en el ejercicio de su profesión, así

como las herramientas que utilizan en la búsqueda de la superación de estos obstáculos. La investigación se construyó a partir de testimonios orales. Las discusiones presentes en el trabajo partieron de las experiencias empíricas en el Pasantía Supervisada y, en el Programa de Residencia Pedagógica, en diálogo teórico con Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004), Selma Garrido Pimenta y Maria Socorro Lucena Lima (2005/2006), Selva Guimarães Fonseca (2012), Linda Hammond Darling (2014), Isaíde Bandeira da Silva (2014), Marcos Napolitano (2002) y José Petrucio de Farias Júnior (2015). Los resultados mostraron la importancia de los residentes / licenciados pedagógicos para comprender los desafíos que permean el universo docente y las estrategias que se pueden utilizar para dinamizar la enseñanza de la Historia.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Desafíos. Tiempo contemporáneo.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de História no Brasil sofreu um longo processo de transformação no decorrer dos anos. No período colonial, por exemplo, esse ensino foi deixado a cargo dos jesuítas tendo assim um caráter religioso e a definição enquanto disciplina se deu a partir do século XIX. Embora o Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB) tenha influenciado nesse processo de regimento da disciplina, criando métodos para o ensino, a história continuava centralizada nos feitos daqueles que eram vistos como heróis, além de prezar pela formação moral e cívica, ou seja, possuía uma intencionalidade político-cultural.

Em relação aos períodos que sucedem desde o final do século XX e decorrer do século XXI, percebemos uma ampliação gradual e consistente assim como um aumento na produtividade do ramo da produção historiográfica. Também a mídia, direta ou indiretamente, se faz presente nessas discussões acerca do ensino de História ao enfatizar “sobre o que, para que e como promover esse ensino aos milhões de jovens que frequentam as escolas brasileiras” (GUIMARÃES, 2012, p.19-20).

Nesse sentido, nossa pretensão é levantar quais desafios os professores do ensino básico, enfrentam ao lecionarem a disciplina de História e, principalmente, fazer com que o aluno enxergue nessa um valor. E não apenas imagine que essa, seja uma reprodução do passado, não tendo, portanto, um sentido importante no presente.

Na construção deste trabalho, entrevistamos os professores: Rivaldo Campos (ex-supervisor do programa PIBID² e atuante na Escola Mário Martins), Mara Gonçalves de Carvalho (atua atualmente no CETI-Marcos Parente) e Antônio Carlos Pereira do Vale (Unidade Escolar Jorge Leopoldo). Estes dois últimos foram preceptores do programa Residência Pedagógica³ e atuam na rede básica de ensino dos níveis fundamental e médio, da cidade de Picos-PI, que, lecionando há um bom tempo, nos permitiram entender com mais precisão que desafios seriam esses, como lidam e buscam superá-los constantemente.

Como embasamento teórico de sustentação da análise das entrevistas supracitadas, utilizamos a autora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2004), para compreendermos as dificuldades que os professores enfrentam atualmente quanto à escolha dos conteúdos a serem trabalhados e, sobretudo, a forma como vão ser conduzidos. Essa mesma autora aborda ainda, a variedade de documentos que podemos utilizar nas salas de aulas como fontes históricas e como podemos aplicá-las no cotidiano escolar.

Também contamos com o referencial teórico das autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2005/2006), que nos auxiliaram na compreensão sobre a importância do estágio para a formação do professor, já que nos permite notarmos a diferença entre a teoria e a prática e dessa última como uma imitação de modelos e instrumentalização técnica.

Ademais, fizemos uso das contribuições da autora Selva Guimarães (2012) que, ao escrever sobre a “Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados”, nos permitiu revisitar a disciplina de História. A partir de suas abordagens, que retratam as transformações sociais, políticas, econômicas e educacionais de maneira ampla que essa disciplina sofreu ao longo do tempo.

A autora Linda Darling- Hammond (2014) também foi de fundamental importância, uma vez que, nos conduz a perceber a necessidade de aprofundamento

² O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

³ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

e flexibilidade por parte dos professores acerca dos conteúdos e que sejam capazes de avaliar a aprendizagem dos alunos, compreendendo suas singularidades e adaptando sua instrução a diferentes práticas de ensino, bem como outros aspectos relacionados as concepções do ensino de história.

Contribuíram ainda neste trabalho, as discussões feitas pela autora Isaíde Bandeira da Silva (2014), ao nos mostrar que o livro didático assume, na contemporaneidade, um objeto de grande significância para muitos pesquisadores, docentes e discentes e que na visão de muitos autores esse material didático é insubstituível. Assim como as discussões feitas pelo historiador Marcos Napolitano (2002), nos fazendo entender que podemos utilizar a música tanto como objeto de estudo, como uma das ferramentas para se trabalhar o ensino de História hoje.

Por fim, fizemos uso também dos aportes do autor José Petrúcio de Farias Júnior (2015), que traz reflexões acerca do ser professor de História nos dias atuais, principalmente, na rede básica de ensino, assim como discute o distanciamento existente entre as reflexões que ocorrem no ambiente acadêmico e as práticas de ensino em sala de aula, sendo essa uma grande problemática, sobretudo, para os recém-formados.

2 IMPLICAÇÃO DA TEORIA NA PRÁTICA DOCENTE

No decorrer da Graduação, no curso de Licenciatura Plena em História, nos deparamos com diversas alternativas, sejam elas voltadas para as pesquisas historiográficas, de modo geral, ou especificamente para a nossa prática docente, sendo essas expostas apenas no âmbito discursivo. As propostas pedagógicas abordadas no ambiente acadêmico, enfatizam a necessidade de, ao exercer o ofício de professor de história, possamos compreender as singularidades dos alunos, a fim de que sejam formados intelectualmente e socialmente.

Porém, na prática, sobretudo em algumas experiências do Estágio Supervisionado Obrigatório I⁴, presenciemos realidades por vezes assustadoras. Ao

⁴ Estágio Supervisionado Obrigatório I, do curso de História, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB, realizado pelas autoras deste trabalho, na Escola Municipal Tia Celeste, na cidade de Picos, no período de 2018.2.

lidarmos muitas vezes com um espaço de sala de aula superlotado, a escassez de materiais didáticos, recursos tecnológicos limitados ou inexistentes, ausência de espaços de leituras e, sobretudo, a atuação de professores em áreas que não fazem parte da sua formação, percebemos que esses fatores acabam por impossibilitar o bom desempenho do que dita a teoria.

Nessa perspectiva, é importante trazermos as discussões que a autora Selva Guimarães (2012) faz ao escrever sobre *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?* Ela defende a importância da prática por meio do estágio, acreditando que essa possibilita o estagiário realizar o confronto com as realidades que lhe são apresentadas na teoria.

Durante essa experiência, os discentes poderiam propor novas perspectivas a realidade do alunado, tendo em vista as inúmeras possibilidades que conheceram por meio das disciplinas pedagógicas. Contudo, encontra-se nesse primeiro contato dos discentes de licenciatura com a prática de ensino a primeira barreira, que seria como implantar novas formas de se ensinar em um sistema que já está consolidado na realidade escolar.

Essa dificuldade enfrentada pelos discentes em Estágio Supervisionado Obrigatório I e Residência Pedagógica, do curso de História, da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, pode ser observada também no cotidiano escolar, pois muitos professores da rede básica de ensino possuem o desejo de propor novos métodos, mas acabam desestimulados, diante desses obstáculos já mencionados. A exemplo, podemos destacar a experiência com o Estágio Supervisionado Obrigatório I, na qual uma docente nos pediu que, ao ser observada, relevássemos algumas coisas, pois sua maior dificuldade era lecionar em uma área que não correspondia à sua formação.

O fato mencionado acima não condiz com os professores entrevistados, uma vez que todos esses atuam na sua área de formação. Quanto às demais dificuldades encontradas, seus relatos nos permitiram analisar que, apesar dos desafios, esses buscam contornar a situação na medida do possível, como podemos perceber na fala do docente Rivaldo Campos, atuante há mais de dez anos na rede pública e privada, lecionando atualmente no Centro de Educação de Tempo Integral Mário Martins. Ao ser questionado sobre a temática aqui abordada, ele nos relatou que:

As dificuldades consistem nos entraves criados pelo próprio sistema de ensino que limita o conhecimento a uma reprodução mecânica de conteúdo, sendo assim, torna-se necessário a dinamização das aulas no intuito de despertar o interesse do aluno na discussão de temas relevantes para o seu crescimento intelectual. (Rivaldo Campos, 2019).

Ao final da sua fala, o professor Rivaldo Campos aponta uma dificuldade que pode ser vista também na fala da professora Mara Gonçalves de Carvalho, que enfatiza para além do sistema, uma falta de interesse por parte do aluno, o que exige dos mesmos alternativas dinâmicas de métodos de ensino. Ela nos relatou que, ao buscar fugir dessa mecanização de conteúdo, costuma “imprimir imagens para mostrar durante as aulas” (Mara Carvalho, 2019), assim como considera também a ferramenta slide⁵ como um dos elementos importantes, pois torna as aulas mais atrativas.

A respeito desse uso de imagens no ensino de História, a autora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2014) nos mostra que vem crescendo o uso desse tipo de documentação não escrita, como recurso pedagógico no ensino de História e, que cada uma dessas, possui suas especificidades, produzidas assim de forma distinta. No entanto, é um tipo de documentação que exige um certo tratamento metodológico, pois não podemos utilizar esse tipo de fonte apenas como ilustrações ou como forma de fugir da monotonia.

Ao pensarmos em imagens como um tipo de fonte que podemos utilizar para se trabalhar o ensino de História, podemos destacar a fotografia que nos permite relembrar ou ver um passado desconhecido. A autora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2014) considera que essa “tem contribuído para muitos estudos do período contemporâneo, sendo objeto de pesquisa ou fonte documental para muitos historiadores” (BITTENCOURT, 2014, p. 366).

Sob esse viés, inferimos que assim como nos demais tipos de fontes, a fotografia também exige certos cuidados de abordagens, pois sendo essa uma representação do real, é necessário visualizarmos, interpretarmos, desconstruirmos e, principalmente, questionarmos o que está sendo fotografado, o porquê e para que

⁵ O slide a que a professora Mara Carvalho se refere é produzido no aplicativo de computador Power Point, do pacote Office, da empresa Microsoft.

foram feitas, uma vez que sabemos que essas são sempre produzidas com alguma intencionalidade.

Ademais, é importante compreendermos ainda, ao escolhermos esse tipo de fonte para se trabalhar o ensino de História, que as fotografias estão sempre conectadas a um processo de memória, despertando dessa maneira sempre a oralidade. Percebemos que a professora Mara Gonçalves de Carvalho não deixou explícito na sua fala como se dá o seu processo de seleção de imagens como fontes históricas, mas sabemos que é essencial serem datadas, assim como reproduzirem cenas e personagens que possam ser reconhecidos com facilidade pelos discentes, permitindo-lhes fazerem associações com outras fontes.

Para além das fotografias impressas, a docente afirma utilizar também slides como uma forma de tornar as aulas mais interessantes, fugindo assim um pouco do livro didático. Esse posicionamento se assemelha, de certa medida, a concepção do educador Jonathas Serrano (1912) que durante muito tempo procurou mostrar aos professores que os alunos poderiam aprender também pelos olhos e não apenas pelos ouvidos ao assistirem, por exemplo, filmes.

Os filmes não foram mencionados por nenhum dos três entrevistados como ferramentas por eles utilizadas no ensino de História, mas percebemos que essa prática tem sido bastante usada pelos professores, o que nem sempre sabemos é se esses são repassados como ilustração de uma temática explanada na aula ou apenas encarados como se fossem “ressurreições históricas” (BITTENCOURT, 2004, p. 370).

Ao abordar essa fuga do livro didático, compreendemos que a intenção da docente Mara Gonçalves de Carvalho não foi descartá-lo, mas utilizá-lo como uma entre as várias ferramentas existentes que podem ser utilizadas para se trabalhar o ensino de História e fazer com que o discente também compreenda isso. A autora Isaíde Bandeira da Silva (2014) chama a nossa atenção ao tocar nessa temática, porque segundo ela esse tipo de recurso assume na contemporaneidade, para muitos autores, um grande valor que o torna insubstituível.

Ainda nesse quesito de uso de documentos escritos e não-escritos na sala de aula, podemos citar também a música, esta que vem sendo objeto de pesquisa de muitos historiadores e até mesmo utilizada como recurso didático com certa frequência. A música, como objeto de cultura, carrega consigo uma historicidade. Ela

permite, por exemplo, o desenvolvimento de leituras e interpretação de textos, bem como o próprio contato dos alunos com outras linguagens.

Segundo a autora Circe Fernandes Bittencourt, “dentre os gêneros musicais mais utilizados, destaca-se a música popular, em suas variantes de samba, forró e música sertaneja” (BITTENCOURT, 2014, p. 377). Todavia, sabemos que a música popular continua sendo a mais utilizada pelo fato de estarem relacionadas a alguns acontecimentos breves e, principalmente, por estarem associadas direta ou indiretamente a conjunturas políticas ou econômicas, por ser na visão do historiador Marcos Napolitano, “a intérprete de dilemas nacionais e veículo de utopias sociais; canta o futebol, o amor, a dor, um cantinho e o violão” (NAPOLITANO, 2002, p. 7).

Observando esse tipo de fonte não escrita que podemos utilizar no exercer da profissão docente, como uma das ferramentas para se trabalhar o ensino de História, devemos também nos atentar a forma como vamos transformar essa em objeto de investigação, pois é preciso diferenciarmos o *ouvir* e o *pensar* a música. Esta que, nos livros didáticos, geralmente são sugeridas como atividades complementares ao conteúdo, sendo exigidas apenas uma leitura da sua letra, quando na verdade compreendemos que há outras inúmeras possibilidades de abordagens, por exemplo, que levem em consideração outros momentos históricos, povos e culturas, que envolvem o seu contexto de produção e difusão.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Na busca em compreendermos os desafios que os professores geralmente enfrentam ao ministrarem a disciplina de História e, de modo especial, partindo da perspectiva dos professores entrevistados, percebemos que cada um desses tem uma visão acerca de qual seja o desafio mais relevante que enfrentam no exercício do seu ofício. O docente entrevistado Antônio Carlos Pereira do Vale, nos afirmou que:

O ensino de História consiste na interpretação das experiências humanas ao longo do tempo, sensibilidades e habilidades, como analisar textos e formular hipóteses são pretendidas pelos professores historiadores. A dificuldade ou o desafio é convencer os alunos de que estudar História lhes trará uma consciência de mundo, em longo prazo, enquanto eles buscam o imediatismo das Ciências Exatas.

(Antônio Vale, 2019).

Ao nos relatar sua visão acerca do ensino de História, o referido professor menciona algo que vem sendo discutido no decorrer das graduações em História. Ou seja, de o aluno enxergar nessa disciplina um sentido, assim como encontram, por exemplo, nas ciências exatas. Mas, esse não nos informou, por exemplo, o que esse faz ou pensa em fazer para ajudar esses alunos a terem uma outra concepção sobre o que estuda a História e qual a sua importância.

Sob essa perspectiva, o historiador José Petrúcio de Farias Júnior (2015), ao escrever sobre *Ser professor nos dias de hoje: algumas reflexões*, nos mostra uma metodologia que pode ser utilizada para que o interesse do aluno seja despertado. Porém, alerta para o cuidado que devemos ter ao fazer uso dessa sistematização. De acordo com ele:

Para despertar o interesse do aluno, é aconselhável que os conteúdos históricos sejam introduzidos a partir de questões ou situações-problema que estejam relacionados às experiências cotidianas dos alunos ou questões que contemporaneamente nos inquietam ou envolvem (...) No entanto, é recomendável que o professor evite digressões, ou seja, as indagações propostas pelo docente devem estar estreitamente vinculadas aos objetivos da situação de aprendizagem proposta, de tal forma que, ao final das atividades, os alunos consigam responder, pelo menos, parte das questões levantadas inicialmente. (FARIAS JÚNIOR, 2015, p. 61).

Assim, entendemos que esse tipo de metodologia pode permitir ao discente melhor entendimento acerca da sociedade na qual estão inseridos e, sobretudo, a percepção de, por exemplo, as experiências e determinados comportamentos humanos do passado, refletindo no presente. Nesse sentido, percebemos certa semelhança com a visão do docente Rivaldo Campos acerca das contribuições positivas que a História pode oferecer a sociedade, quando este ressalta que “a história amplia a visão de mundo possibilitando uma melhor compreensão da realidade com o descortinar de novos horizontes do saber” (Rivaldo Campos, 2019).

Na medida em que esses autores trazem o desafio do discente enxergar na História um valor e, não apenas a vejam como uma disciplina, que estuda acontecimentos passados, deduzimos como a concepção clássica da história, enquanto narrativa de fatos passados, ainda permanece presente no pensamento e ação de alguns professores. Essa vertente historiográfica, conhecida como “história

positivista”, difundida durante o século XIX e relacionada ao historiador prussiano Leopold Von Ranke, defende que caberia aos historiadores recolher os fatos considerados mais importantes, ordená-los de forma cronológica e narra-los.

Ainda sob essa perspectiva, percebemos por parte dos entrevistados um outro aspecto, ou seja, a interdisciplinaridade da História com outros campos de conhecimentos, como a Sociologia, por exemplo. O docente Antônio Carlos Pereira do Vale, considera que a aproximação de forma saudável entre esses dois campos pode ser uma maneira de se trabalhar o ensino de História e fazer com que os discentes tenham mais curiosidades a respeito desse, assim como tracem paralelos com a contemporaneidade. Além disso, afirma que:

De fato, as Ciências Humanas são um tanto subjetivas e isso dá margem para especulações sobre sua importância. Cabem a nós, historiadores, combater ideias oriundas do senso comum que questionem a importância da nossa área de conhecimento. (Antônio Vale, 2019).

Ao pontuar que é dever do historiador combater visões que questionem a importância de se estudar as ciências humanas e, de modo particular, a disciplina de História, podemos salientar que se faz cada vez mais necessário, no exercício da profissão, mostrarmos aos nossos alunos “que a História não é constituída de fatos prontos e acabados, do ponto de vista da interpretação” (FARIAS JÚNIOR, 2015, p. 63). É preciso que olhemos para as fontes históricas e façamos novas abordagens juntamente com esses alunos, fazendo assim com que esses construam os seus próprios conhecimentos.

Ademais, inferimos que o fato de o aluno construir esses conhecimentos, influencia diretamente no próprio ambiente da sala de aula, pois este deixa de ser um espaço com a figura centralizada do professor, como o único agente “transmissor” dos conhecimentos e, passa a ser um espaço de construção coletiva dos sentidos, ou seja, de docente e discentes. A respeito disso, a autora Linda Darling-Hammond (2014) fala das contribuições da prática docente, por ser essa, na sua visão, quem “desenvolve as habilidades dos professores para examinar o ensino sob a perspectiva dos alunos, que trazem experiências e referências à sala de aula” (HAMMOND, 2014, p. 230).

Ainda em consonância com essa concepção, o docente Antônio Carlos Pereira do Vale considera que:

Esse processo de ensino-aprendizagem deve ser o mais democrático possível, só assim ocorrerá contraposição de diferentes abordagens historiográficas que tão ansiosamente esperamos ver entre as habilidades de nossos alunos. (Antônio Vale, 2019).

Sob esse viés, podemos inferir também que se faz necessário, por parte do historiador, a seleção diversificada de fontes históricas, de modo que os alunos compreendam a complexidade dos acontecimentos, bem como as mudanças e continuidades de muitas experiências humanas. Ensinar História é assim, na contemporaneidade, podemos considerar um comprometimento com visões de mundo, pois o professor deve pensar métodos de ensino que permitam o aluno construir, de forma autônoma, o seu conhecimento histórico, e esses, ao construírem, percebam que esse tipo de conhecimento é sujeito a revisões e reformulações e não algo pronto e acabado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos cursos de licenciatura, os futuros professores têm acesso a várias propostas metodológicas que podem fazer uso, para tornar suas aulas mais didáticas e atrativas. Porém, percebemos ao longo do texto, a partir de nossa experiência na disciplina de Estágio Supervisionado, que quando vamos para a sala de aula, tentar colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos, nos deparamos com uma realidade bastante diferente do que imaginávamos. Em nossa experiência de estagiárias/residentes presenciamos a falta de estrutura das escolas, salas de aulas lotadas, livros didáticos que não atendiam a demanda de alunos e, recursos tecnológicos limitados. Dessa forma, todos esses fatores acabam por dificultar, muitas vezes, a execução dos métodos que aprendemos na teoria, nos cursos de formação de professores.

Dessa forma, intuímos que ser professor de História é um desafio contínuo, pois embora existam esses problemas estruturais nas escolas, cabe ao mesmo ensinar aos seus alunos a pensarem criticamente. Para isso, o professor deve elaborar algumas estratégias que prendam a atenção dos discentes como, por exemplo, fazendo-os perguntas interessantes e que façam parte do seu cotidiano; fazendo uso de imagens, músicas, séries e filmes e, a partir dessas ferramentas,

ajudá-los a problematizarem o conteúdo/tema que foi discutido no decorrer da aula.

Mas é preciso compreendermos também que algumas precauções devem ser tomadas ao pensarmos essas novas estratégias de se ensinar História. As instituições escolares – públicas e privadas, de centros e periferias – apresentam condições e realidades diferentes, não permitindo assim, na maioria das vezes, a aplicação dos mesmos métodos para todas as escolas. Assim, podemos imaginar que o mais acessível e eficaz seja levantarmos questionamentos, que levem em consideração os interesses dos discentes e que se relacione, principalmente, com a realidade em que estão inseridos, permitindo-lhes assim associarem passado e presente.

Desse modo, para além dos desafios encontrados no que tange ao ensino de História na contemporaneidade, apontados ao longo deste trabalho pelos entrevistados, percebemos que todas as ferramentas citadas como forma de superá-los se convergem. A experiência profissional desses docentes nos fez entender também que, independentemente do método escolhido para se trabalhar esse ensino, é de responsabilidade do professor de História ajudar seus alunos a se enxergarem como cidadãos. Isto é, como pessoas que devem participar ativamente da sociedade brasileira, reconhecendo os problemas coletivos e, buscando formas para solucioná-los. E, agindo dessa forma, professores e alunos perceberiam a importância do conhecimento histórico, para a vida humana em sociedade.

Por fim, compreendemos que por meio de nossa atuação como residentes do Programa Residência Pedagógica, podemos realizar esse exercício de percepção, acerca das várias ferramentas que podem nos ajudar a trabalhar o ensino de História. Mas, vale ressaltar, utilizando-as de forma coerente, proporcionando ao aluno um melhor entendimento e novos olhares acerca do que se estuda a História, seus valores e contribuições para a sociedade.

5 REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. In: Documentos não escritos na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2004, p. 351-407.

CAMPOS, Rivaldo. **Entrevista concedida à Erilene de Sousa Martins**. Picos, 2019.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos, 2019.

DARLING, Linda Hammond. **A importância da formação docente**. São Paulo: Cadernoscenpee, 2014, - volume 4, n. 2, pp 230-247.

FARIAS JÚNIOR. José Petrúcio de. **Ser professor de História hoje: algumas reflexões**. Revista eletrônica Cadernos CIMEAC-Volume 5, n.1, 2015.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 13ª edição. In: Políticas Públicas, currículos e ensino de história. São Paulo: Papirus, 2012, p. 55-72.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência: diferentes concepções**. Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11ª edição. São Paulo: Cortez, 2012, p. 28-91.

SERRANO, Jonatas. **Epítome de História Universal**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.

SILVA, Isaíde Bandeira da. **O livro didático de História no cotidiano escolar**. In: Diferentes percepções sobre o livro e o programa nacional do livro didático –PNLD Curitiba: 2014, p. 49-86.

VALE, Antônio Carlos Pereira do. **Entrevista concedida à Erilene de Sousa Martins**. Picos, 2019.